

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS – UNEAL
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – **PROGRAD**
PROGRAMA DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA – **PROLIND**
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL EM HISTÓRIA
CAMPUS III – PALMEIRA DOS ÍNDIOS - AL

JOSÉ RODRIGUES TENÓRIO

TORÉ DO POVO KARIRI-XOCÓ

PALMEIRA DOS ÍNDIOS

2015

JOSÉ RODRIGUES TENÓRIO

TORÉ DO POVO KARIRI-XOCÓ

Artigo apresentado como requisito obrigatório para conclusão do curso de Licenciatura em História, do Programa de Licenciatura Intercultural Indígena, da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, Campus III, Palmeira dos Índios.

Orientador: Professor Me. José Adelson Lopes Peixoto.

PALMEIRA DOS ÍNDIOS

2015

TORÉ DO POVO KARIRI-XOCÓ

José Rodrigues Tenório¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é descrever o toré do povo Kariri-Xocó, da cidade de Porto Real do Colégio, estado de Alagoas para através da descrição do seu canto e de suas danças contribuir para que divulgar a tradição cotidiana da comunidade. O toré traz, em seu canto, mensagens da fauna, flora, rios, terra de toda a mãe natureza como forma de aprendizado. O toré é baseado na alma dos indígenas, de forma que eles cantam o sentimento de sua história através da batida dos seus pés no chão, do movimento da dança, do som da maracá e da entoação das vozes da comunidade no momento de felicidade ou de tristeza. De toda forma o toré é cantado com amor e orgulho pelo povo, sendo também valioso na educação dos curumins (pequenos índios) que aprendem desde cedo que o toré é o coração da comunidade com suas tradições e religião. Esse trabalho está embasado nos estudos de Rodrigo de Azevedo, Clarice Mota, Vera Lucia Calheiro Mata, Rita de Cássia M. Neves. Sebastián Gerlic Metodologicamente, a pesquisa de campo se deu com entrevistas com as lideranças (cacique e o pajé Suíra), José Nunes de Oliveira (Nhenety) curador das tradições culturais da comunidade.

Palavras-Chaves: União, Tradição, Sentimento, Força.

Introdução

Abordarei neste trabalho o toré na comunidade indígena Kariri-Xocó, com suas principais características no canto e na dança, sua localização, sua história e reconhecimento como comunidade indígena, como também o toré representado em outras etnias do nordeste brasileiro que contemplam um foco de identidade do índio nativo na região, com suas diferenças e costumes apresentados de outros povos indígenas do Brasil.

Os Kariri-Xocó apresentam em sua comunidade duas modalidades do toré, o primeiro, o toré de roupa que é cantado e dançado sem a caracterização da roupa típica, de forma que o branco ao ver a apresentação não a reconhece como indígena e o segundo, o toré apresentado com os componentes caracterizados, trajados com saia de palha de ouricuri (palmeira da região), cocá colar, pulseiras, pintura corporal

¹ Artigo apresentado como requisito de Conclusão de Curso da licenciatura Intercultural Indígena – PROLIND, na Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, Campus III – Palmeira dos Índios –AL. E-mail: joserodrigueskx@gmail.com

Orientador: Professor Me. José Adelson Lopes Peixoto – UNEAL, Campus III – E-mail: adelsonlopes@hotmail.com

entre outros artefatos representativos indígenas, além do maracá, principal instrumento de iniciação do toré Kariri-Xocó.

O toré é formado por cantos nativos, dos sons das matas, rios, dos cantos dos pássaros e dos ruídos dos animais, importante em todos os momentos da vida cotidiana do povo Kariri-Xocó; o canto, a dança e os sons, onde expressa a história, a cultura, os fenômenos naturais que contemplam o passado e o presente, para garantir o futuro.

Reconhecimento, história e a localização dos Kariri-Xocó

Em 1940 a 1950, o pajé Francisco Queiros Saira conhecido como Francisquinho e o índio Manoel Fracilina tiveram o interesse de buscar o registro etnico da comunidade Kariri, eles saiam a pé, passavam por Palmeira dos Índios, onde se juntaram ao Cacique Alfredo Celestino, da comunidade Xucuru-Kariri, seguiram viagem até a cidade de Bom Conselho – PE, chegando lá foram recebidos pelo Monsenhor Alfredo Dâmaso, padre que tinha condições financeiras e conhecimento com a presidência da Republica (o Presidente recebia os telegramas do referido padre).

As viagens a Bom Conselho não aconteceram apenas uma vez, na penúltima viagem dos indígenas, Alfredo Dâmaso deu-lhes uma boa noticia, disse que a presidência havia reconhecido dois povos indígenas em Alagoas, mas teria que ter os nomes étnicos próprios, foi dai que o Padre perguntou a Alfredo Celestino como era o nome de sua etnia, e o mesmo falou que sua etnia era Xucuru-Kariri, então o padre perguntou a pajé Francisco Queiroz Saira, que lhe respondeu, é Kariri, Alfredo Damas questionou dizendo – mas kariri não é a etnia de Alfredo Celestino? O pajé Francisco Queiroz Saira disse – não, a dele é Xucucu-Kariri e a minha é Kariri. O padre se convenceu fez um relatório e mandou para a presidência, e assim foi feita a ultima viagem que dos indígenas a Bom Conselho onde receberam a confirmação do padre que as comunidades já estavam registradas, mas na década de 1980 o cacique Cícero de Souza Santiago (Daruanda) do Xocó achou por bem (junto com Santana, chefe do Posto da FUNAI na época e o pajé Francisco Queiroz Saira) solicitar um novo registro da comunidade colocando o etnômio Kariri-Xocó, por serem dois povos. Graças a esse entendimento, até hoje se denomina Aldeia Indígena Kariri-Xocó.

A comunidade Kariri-Xocó representa o que resta da fusão de vários grupos indígenas do século XIX ao XX, remanescentes de aldeamento e catequese, como os grupos sobreviventes da região (Kropotó, Kariri, Aconã e Plaki-ô). Com a expulsão dos Xocó da ilha de São Pedro – SE, pelos fazendeiros, esse povo desceu o Rio São Francisco procurando uma morada, chegando a Porto Real do Colégio, encontrou os Kariri que os acolheu, passando a viver junto bem antes de serem reconhecidos como comunidade indígena.

Os Kariri-Xocó é um povo multiétnico formado por Kropotó, Kariri, Aconã e Plaki-ô (ao longo da história os Plaki-ô foram sendo extintos, devido aos constantes conflitos com os conquistadores que dividiam seu território obrigando-os a deixar suas terras em busca de um novo lar às margens do Rio São Francisco) Os Karapotó fizeram uma fusão, no passado, com os Plaki-ô e atualmente autodenominam-se Karapotó-Plaki-ô, habitam no município de São Sebastião-AL; alguns dos Karapotó (Kropotó), residem junto aos Kariri-Xocó; os Aconã estão localizados no município de Traipú – AL.

Os indígenas Kariri-Xocó estão localizados no município de Porto Real do Colégio, ao sul do estado de Alagoas, no baixo São Francisco. A comunidade é composta por dois caciques, dois pajés e oito membros do Conselho Tribal, juntos a eles tem também cerca de 700 chefes de casas, que representam uma família e finalmente a comunidade Kariri-Xocó com 2.500 pessoas.

O toré nas comunidades indígenas

Torés são cantos sagrados, cantados e dançados em muitas aldeias indígenas do Nordeste do Brasil. Faz parte dos costumes e tradições de muitas das sociedades indígenas. Geralmente para o canto do toré, os indígenas utilizam pinturas corporais e artefatos representativos, como o maracá, o cocá e a xanduca. Alguns povos indígenas apresentam seus torés fora de suas aldeias, mas ainda assim, o sagrado está envolvido nessas apresentações. Podem ser executados com “roupas de branco”, ou seja, shorts, camisa e sem o uso de pinturas corporais.

Os tores são cantados para celebrar a vida – com o nascimento; no momento da morte; para purificar o corpo – por causa de uma doença; para a celebração de festejos, como por exemplo, nas festas juninas e no dia de Nossa Senhora da Conceição – padroeira dos Kariri-Xocó, para se preparar para uma retomada de terra;

nas colheitas da safra; entre outras ocasiões. Cada povo tem os seus cantos, que são vários e podem aparecer denominados de outras formas, como por exemplo o toré de búzio que é cantado por um índio ao tempo em que dois dançam em pares, tocando um instrumento (búzio, uma trombeta de facheiro oco, que dá um som suave na dança)

Mota (2005, p.180) destaca também o toré de brincadeira entre os Xocó:

Que é aquele que pode apresentar ao mundo de fora – “os turistas” e estrangeiros. – porque não implica perda do seu direito a um segredo tribal. Quando se apresentam em festas públicas as quais são convidados, dentro ou fora de seu território, os Xocó voltam a cantar e dançar os torés de seu tempo de degredo, seu tempo fora do tempo considerado ancestral.

A apresentação desses torés aos “turistas” e estrangeiros representa um traço da indianidade dos índios do Nordeste, algo que os diferencia dos não índios, já que os traços fenotípicos não podem ser tomados como aspectos que os diferenciem do restante da população. Os Kariri-Xocó, por exemplo, na década de 1940, trajados com tangas, cocás e pintados, cantavam o toré na presença do agente do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), quando foram reconhecidos como povo indígena.

O toré é um símbolo de alegria, força e sentimento de união dos povos indígenas. A força trazida no canto e na dança – com as fortes pisadas dos pés descalços no chão – são emanadas também para aqueles que assistem ao toré. Entre os Xucuru, Neves (2005) afirma que o toré é representado pela pisada mais forte de um dos pés, além da batida dos jupagos no chão. Neves (2005, p.133) acrescenta, ainda, que:

O toré Xucuru possui um misto de suavidade e força. A suavidade fica por conta do som delicado da gaita e pelo formato sempre arredondado que o toré apresenta, enquanto a força é marcada pelo som duro da batida do jupago no chão. Se junta à batida, os gritos que de vez em quando se ouve de algum homem Xucuru que está na roda.

Os Kariri-Xocó têm em sua suavidade o som da maracá, o som do búzio e o assovio, dando início ao toré que, igualmente ao dos Xucuru, também é apresentado de forma circular com as pisadas fortes no chão tanto de homens, quanto de mulheres e crianças, do começo ao fim da apresentação.

Cantando e celebrando, os mestres cantadores de toré ensinam às crianças o seu significado como energia, força e união da comunidade, ensinamentos que os

antepassados deixaram. O toré é a segurança que muitos povos indígenas dispõem neste país ainda cheio de preconceitos. Diante deste contexto podemos dizer que é por isso que os povos indígenas se consideram como filhos da terra, conhecedores das riquezas naturais, das verdes florestas conservadas e das músicas que descrevem, entre outras coisas, a beleza da natureza.

O respeito e reverência à natureza devem-se ao fato de serem conscientes de que ela é a responsável pela sua sobrevivência alimentar e pela manutenção e perpetuação dos seus costumes e tradições. Assegura-lhes a vida através da caça, da pesca e da coleta dos frutos entre outros alimentos naturais adquiridos das matas e rios, além de servir de inspiração aos cantos de toré apenas oferecendo o som dos pássaros, os verde da mata e tudo que ela pode oferecer. Assim, os Kariri-Xocó têm na natureza o seu maior incentivo de vida para manter sua sobrevivência e também seus costumes tradicionais como descrito no livro *Cantando as Culturas Indígenas*, Thydewá (2012, p 09).

A forma de dançar o canto acompanha os movimentos dos fenômenos a estrutura arredondada da Terra, Sol e Lua. Com as mãos dadas no Toré temos a união grupal pela tradição, pisando no solo sagrado, no esforço coletivo de afirmação étnica Kariri Xocó. A vida é um círculo naquele momento marcado pelas pessoas presentes e a tradição educativa será continuada no futuro por outros índios da tribo. O cenário será outro pelo quadro conjuntural, mas os princípios indígenas vem de uma tradição milenar. Cantar e dançar por prazer, lazer e espiritualidade.

Fenômenos como a forma arredondada da terra, do sol e da lua, que são transmitidos pelos índios Kariri-Xocó em suas danças do toré, apresentados em formas de círculos, todos os participantes de mãos dadas e pisando no chão, juntos ao som do maracá, puxado pelo ritmo do mestre de toré, agradecendo a Padzú (Deus) do Kariri, por está sendo acobertado por ele, além de todas as coisas boas que tem acontecido com o povo da comunidade.

O acompanhamento do canto vem também dos instrumentos musicais, vestes tradicionais: “saia feita de palha do Ouricuri (palmeira do sertão), cocá, braçadeira, colar e pintura corporal que é representada por três cores onde o preto significa o luto, o branco a paz e o vermelho significa guerra, sem esquecer o maracá, instrumento principal quando é iniciado o toré”, a musicalidade e a arte de produzir o canto, com o som da maracá, cocá, colares, brincos, tacapes e o som dos búzios que acompanham

a força do canto da comunidade trazendo as pinturas corporais com tintas extraídas da madeira, do fruto do jenipapo, a safroa (urucum) e da argila branca.

Além da arte e da religião, a preparação para o toré é a oportunidade de mostrar para as crianças a importância que o toré tem em todos os momentos e ensiná-los os significados de cada um dos elementos tradicionais como os que aparecem na foto a seguir.



Foto José Rodrigues Tenório 2015, instrumento musical: maracá.

A foto mostra o principal instrumento musical usado no toré. Trata-se de uma peça simples, feita com o fruto de uma planta chamada coité. O fruto, depois de seco é pintado com figuras geométricas, pintado com cores fortes e vibrantes e ornamentado com penas de aves. O som que dela emana serve para marcar o ritmo da dança e para comunicação com o seu sagrado. Além do maracá, instrumento que inicia o ritmo do canto, tem o búzio, uma trombeta de facheiro (não contemplado nessa foto), que marca a cadência do som - são elementos produzidos, segundo modelo cultural, pelo artesão para essa finalidade musical.

O Toré entre os Kariri-Xocó

No contexto comunitário a aldeia Kariri-Xocó tem pescadores, agricultores, artesãos, cantadores de toré que neste caso é o objeto deste trabalho. Os cantadores de toré puxam os cantos e danças, chamando a comunidade para participar das tradições indígenas. Quando inicia o toré todos os participantes cantam em sintonia e alegria por melhores dias. Nos cantos e danças do toré está incluído um conjunto de arte indígena, seja no uso de cocás, colares, pulseiras, saias de palha e pintura corporal, isso quando o grupo se exhibe caracterizado numa ocasião mais especial, numa comemoração de grande vitória, a exemplo a conquista da terra. Em outros momentos toré com roupa pode ser em qualquer ocasião no cotidiano tribal, não quer dizer que seja menos importante do que o caracterizado. O que importa é cantar e dançar o toré, assim tem-se a certeza de que essa tradição vai continuar com as novas gerações.

Existem duas modalidades de toré. O chamado “toré de roupa”, simples forma de lazer, que recebe este nome porque os dançarinos não têm de usar qualquer indumentária especial, podendo participar da ‘brincadeira em trajes comuns. Entretanto, há também um toré mais ritualizado, que precede o ouricuri, mas que ao contrario deste, não é secreto. Como não foi dito diversas vezes, o “toré de búzios”, como é chamada esta forma mais elaborada de dançar, “faz parte do segredo, mas não é o segredo: quando dança o toré, a gente lembra do ouricuri”. Por ser, ainda uma dança em que as pessoas se apresentam “travestidas” de índios, de acordo como modelo criado e legitimado pela sociedade nacional, tornou-se um dos símbolos étnicos acionados pelo grupo quando este necessita reforçar sua identidade índia, ou quando precisa ser “índio para branco ver”...(MOTA, 2004 *apud* MATA, 2005, p.182-183)

O “toré de roupa” é cantado nas comemorações de festejos julhinos, natalinos, velório entre outros que não envolvam o segredo sagrado da comunidade como cita o Cacique Kariri-Xocó José Tenório². Para o Cacique, “o toré de roupa também é cantando com prazer e satisfação, mesmo não caracterizados os indígenas cantam e dançam com muito amor e dedicação, pois em todos os momentos o toré é sagrado, seja de roupa ou trajados”. Para José Tenório o toré “tem grande e fundamental importância para preservação e aprendizado para os mais novos da aldeia que é passado de geração para geração, não deixando que se perca com o tempo e nem tão pouco com a influência e constantes permanência dos brancos em seu meio”.

A foto a seguir mostra um dos momentos do toré público, de roupa, apresentado para turistas fora do terreiro sagrado do Ouricuri. Apesar da ausência

² Entrevista realizada em 06 ; 07 ; 2015.

dos adereços, a marca identitária não é menor, pois os participantes consideram o toré sagrado independente da forma de sua apresentação. É um momento de comunicação, fortalecimento e jubilo com suas divindades.



Foto: José Rodrigues Tenório, 2014 “Toré de roupa” na comemoração de Nossa Senhora da Conceição.

O “toré caracterizado” é apresentado de forma, mas típica com vestes indígenas, em situações especiais como, por exemplo: na chegada de autoridades governamentais, para atingir um objetivo comum, na conquista da terra, em festividades religiosas da cidade ou em qualquer situação necessária. O toré caracterizado traz uma maior força identitária, pois representa o modo mais autêntico do ser nativo, permitindo amenizar um pouco a discriminação.



Foto: José Rodrigues Tenório. SESC 2013. Apresentação do toré caracterizado.

O toré abrange todos os Kariri-Xocó em diferentes situações, pois faz parte da cultura. Assim, o toré está presente na arte de fazer artesanato (nos ornamentos usados pelos dançarinos); na história do seu povo expressa nos cantos, nos pontos geográficos da terra, na religião e nos movimentos da dança circular, na ciência das matas, nas ervas medicinais, nos poucos vocábulos da língua Kariri (falada nos cantos em paralelo com o português), na contagem das peças e nos objetos cerâmicos. O toré possibilita aos indígenas aprender, através de seus cantos e danças, a história da comunidade.

O toré também conta, através dos cantos, para os mais novos na comunidade a história de seus antepassados, mostrando como era a vida na sua aldeia há muito tempo atrás, como por exemplo, o toré **Lá no Pé do Cruzeiro Jurema** (árvore sagrada) fala sobre a presença dos jesuítas no aldeamento ou sobre a missão (para catequizar os índios), portanto este toré traz uma formação histórica mostrando as crianças de hoje a vida sofrida do passado.

Abaixo, uma estrofe do toré que faz referência a esse período. Sua transcrição vem apresentar a fusão de elementos indígenas com elementos cristãos. Na aldeia seu canto é seguido ou precedido de relatos sobre o seu contexto histórico.

Lá no pé do Cruzeiro Jurema, eu canto com meu maracá na mão.
Pedindo a Jesus Cristos
Com Cristo no meu coração
Arreá re re – reá
Ou re reá – arreá rea rá

Lá no Pé do Cruzeiro Jurema – O índio foi muito perseguido pela Igreja, forçado a abandonar sua cultura. Os padres, através de muita pressão fizeram com que os índios aprendessem a religião Cristã, mas, apesar de muita insistência os indígenas nunca deixaram de cantar o seu toré de baixo do Pé de Jurema (árvore da cura para eles).

PIRIQUITO DE MARACANÃ

Meu periquito de Maracanã (bis)
Olhe o Pássaro que voa
À voar pelo ar
Eu fui Sargento da margem do rio (bis)
Eu sou Sargento
De Cavalaria

URUBÚ DE SERRA NEGRA

Urubu de Serra Negra não a limpa, mas a pena (bis).
De andar comendo mangaba verde
Olé na baxada Jurema
Eu tô chamando
Na baxada Jurema

SABUCÁ (O Galo)

SABUCÁ PIDÉ WONHÉ
Galo estar cantar
MÓ MECÁ CARAYTSÍ
Em sinal amanhã
HÍ WÍ HÍ HOMODÍ
eu ir eu embora
WÍ UCÁ TEUDIOKIÉ
ir amar lutar.

NINHO NU WONHÉ (ÍNDIO QUER CANTAR)

(Índio, índio quer cantar
O baiano quer dançar) Bis
(Me respondeu a Cauã
O passarinho tá chamando) Bis
O índio gosta de cantar Toré, na luta. Encontrou
o negro da Bahia que dançava muito o jogo
de pernas, naquele momento o pássaro Cauã
cantou, eles entenderam que o pássaro mandou
o negro e o índio unirem-se na luta.

O COCÁ É MINHA CASA

O cocá é minha casa
A maracá meu coração
A xanduca um instrumento
Um instrumento de união

Ou lei lá rá
A reia ráá
Quando o índios viaja fora da aldeia: o cocal é
o seu abrigo, o maracá, bate com
o seu coração, ele acende o cachimbo
Xanduca, que atrai índios de sua tribo e de outras tribos
para uma união.

Coloco a transcrição de alguns torés, mencionados acima, que são cantados pelos indígenas Kariri-Xocó. Sua importância é enorme para manter viva a cultura desse povo e para mostrar também seus significados. Desta forma cada toré traz uma mensagem da Fauna/Flora falando dos pássaros: periquito verde, Cauã (espécie de gavião mensageiro), Urubu, (ave considerada tradicionalmente como faxineiro do mundo aquele que faz a limpeza comendo os cadáveres sobre a terra), Jurema, (principal remédio para curar as doenças, considerada sagrada, pois seu poder é divino para os índios).

O Historiador José Nunes de Oliveira³ menciona alguns torés que além de explicar as suas especificidades, traz consigo a identidade do povo. Vale ressaltar que as transcrições desses torés, cantados pelos indígenas, mantém não só a cultura como também a vida tradicional milenar entre os Kariri-Xocó.

Considerações finais

Pensando na realidade da comunidade Indígena Kariri-Xocó que abordei este tema, de suma importância para minha pessoa como também para todos os estudiosos da cultura indígena brasileira. O toré tem uma grande representatividade cultural como força do povo, que sempre demonstrou ao longo de sua história uma forma de ser reconhecido como grupo étnico nos cantos e na preservação e divulgação da sua alma nativa marcada pelo orgulho de ser índio e viver coletivamente numa comunidade.

Através dos cantos todos são envolvidos para a união da comunidade em prol dos acontecimentos que envolvem os Kariri-Xocó, seja em comemorações de alegria nas festas, como também em momentos de tristeza na partida de um parente para outra vida, outro plano. A força do toré representa amizade, entre outro sentimento despertado nos sons da maracá, na pisada dos pés no chão e na felicidade

³ NHENETY (José Nunes de Oliveira). Historiador de Kariri-Xocó. 07/07/2015

dos cantos cantados com a voz da boca e a voz do coração, a alma expressando o sentimento de estar juntos naquele momento, dividindo emoções tradicionais do povo, demonstrando a força da comunidade Kariri-Xocó.

O toré contribui muito como união dos indígenas quando todos se reúnem para dançar e cantar sua cultura seja no toré de roupa ou no caracterizado, com objetivo comum, seja na conquista da terra ou no sucesso de uma grande colheita, pescaria e atualmente até no êxito de um grande projeto. Cantar e dançar o Toré é preservar a cultura evitando a perda dos costumes tradicionais e garantir o amanhã. O toré é a identidade indígena, cada povo tem história precisa conhecer o passado, o presente para garantir o futuro.

Referências Bibliográficas

GERLIC, Sebastián. **Cantando as Culturas Indígenas**. Coordenação Geral de Educação Escolar Indígena, 2012. 44p (Coleção Índios na Visão dos Índios), v. 18. GRUNEWALD, Rodrigo de Azevedo. **Toré: Regime Encantado do Índio do Nordeste**. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 2005.

MATA, Vera Lúcia Calheiros. **A Semente da Terra**. Rio de Janeiro, 1989. Tese de Doutorado em história – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MOTA, Clarice Novaes. Performance e significações do toré: o caso dos Xocó e Kariri-Xocó. In.: GRUNEWALD, Rodrigo de Azevedo (Org.). **Toré: Regime encantado do índio do Nordeste**. Recife: Fundaj, Editora Massangana, 2005. pp.173-186
NHENETY Kariri-Xoco. **Cultura Digital, Cultura Popular, Blogs, Historia...**
Disponível em: <http://www.kxnhenety.blogspot.com.br> . Acesso em 07-01-2015.

NEVES, Rita de Cássia Maria. Identidade, rito e performance no toré Xucuru. In.: GRUNEWALD, Rodrigo de Azevedo (Org.). **Toré: Regime encantado do índio do Nordeste**. Recife: Fundaj, Editora Massangana, 2005. pp.129-153.